Nº 125 • 31 Janeiro 2009

Negócios de vão de escada pág. 34



O homem das plásticas

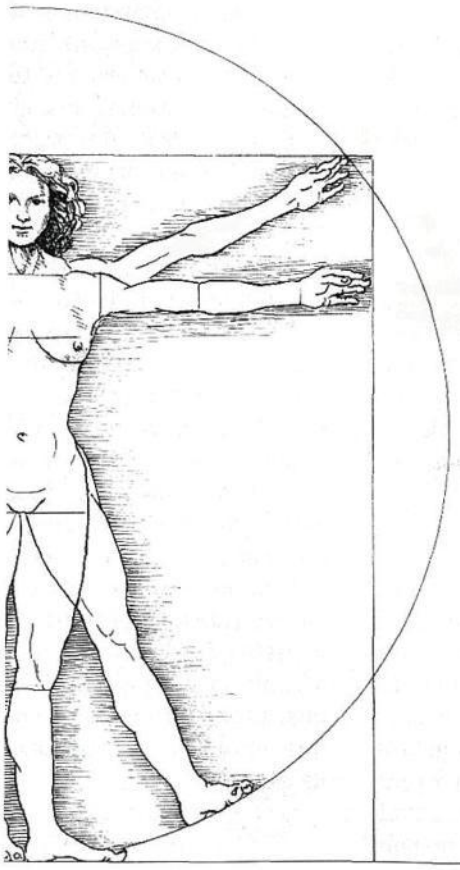
Já fez mais de cinco mil cirurgias plásticas e considera que a experiência o coloca no patamar da arte. Insurge-se contra a ditadura da beleza imposta pelos *media* e recusa, por exemplo, fazer implantes mamários a menores.

Francisco Bérico Nogueira

Sempre fui fascinado pela beleza

Em quase 30 anos de carreira já operou cerca de cinco mil mulheres e homens. Hoje é um dos mais reputados cirurgiões plásticos do país. Francisco Ibérico Nogueira enfrentou as críticas dos seus pares, que não lhe reconheciam a formação obtida no Brasil. Casado com uma mulher que é o seu modelo de beleza e pai de três filhos, orgulha-se de ter escolhido o 'ramo feliz' da medicina. Diz que não é um mago, mas especializou-se a apagar as marcas do tempo. Nunca pensou operar-se

Entrevista de **Raquel Carrilho** Fotografias actuais de **António Pedro Santos**



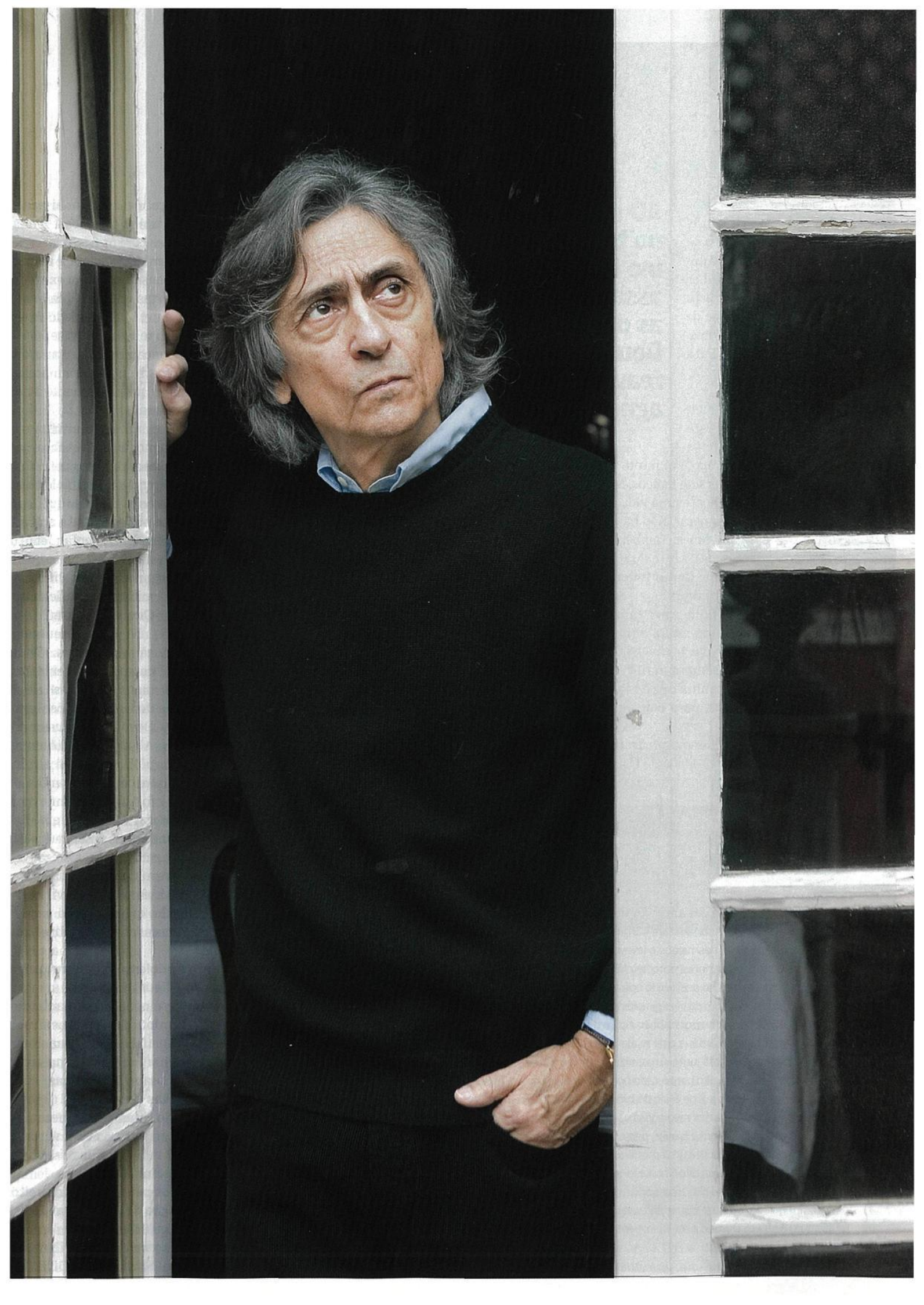
NUMA entrevista recente, o cirurgião plástico brasileiro, Ivo Pitanguy, contou que a mãe o ensinou que uma pessoa, quando se tolera, não precisa de cirurgia nenhuma e que o importante é gostar de si.

Exactamente! Só deve submeter-se a uma intervenção de cirurgia plástica quem se preocupar com este ou aquele aspecto. Para quê operar um nariz se a pessoa convive bem com ele? Eu, por exemplo, tenho rugas e flacidez, mas não me sinto infeliz, nunca tive nenhum tipo de sofrimento psicológico com isso e nunca senti necessidade de me submeter a uma intervenção. Agora, uma coisa é certa, se fosse uma situação que me comprometesse, de certeza que a resolveria. Quando uma mulher ou um homem procuram o consultório de um cirurgião plástico para resolver uma 'imperfeição física', é porque essa situação lhes está a causar grande sofrimento psicológico. Não é impunemente que as pessoas se submetem a um tratamento que não é como ir ao cabeleireiro. O resultado pode mudar a vida emocional de uma pessoa. É uma questão de auto-estima.

TENHO RUGAS e flacidez, mas não me sinto infeliz, por isso nunca senti necessidade de uma intervenção

Pitanguy diz que a mãe foi a primeira grande referência de beleza feminina. Também foi assim consigo?

Talvez. Nunca tive essa consciência, mas provavelmente foi. Sinto que desde miúdo tive uma grande atracção pela →

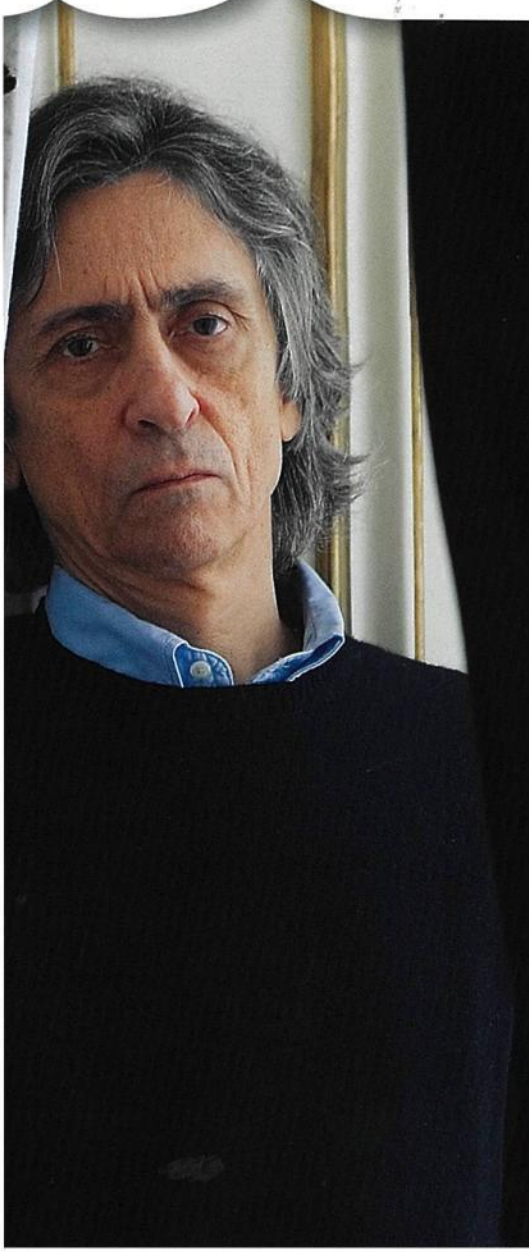


Nº 125 • 31 Janeiro 2009

Ou



Negócios de vão de escada pág.



O homem das plásticas

Já fez mais de cinco mil cirurgias plásticas e considera que a experiência o coloca no patamar da arte. Insurge-se contra a ditadura da beleza imposta pelos *media* e recusa, por exemplo, fazer implantes mamários a menores.

harmonia e pelas coisas belas. Não só pela beleza feminina, mas pela beleza da natureza, da arte... A minha mãe era uma mulher muito bonita, com bom gosto e uma juventude de espírito extraordinária. Adorava divertir-se. Para ela a vida foi uma festa.

Já morreu?

Infelizmente. O meu pai tem 94 anos e está vivo, mas a minha mãe morreu há pouco tempo. Foi muito difícil para todos nós, somos sete irmãos. Mas tenho mulher e três filhos, e uma vida muito agitada... Tenho de superar. Não há tempo para entrar em depressões. Também nunca fui dado a depressões.

Falou em sete irmãos. Como foi crescer numa família assim grande?

Nasci e cresci em Coimbra. Lembro-me de que a nossa casa era muito animada e barulhenta... Apesar das birras e guerras entre irmãos havia sempre muita entreajuda, fazíamos companhia uns aos outros.

Os pais eram rígidos, para conseguirem controlar essa prole?

O meu pai era professor catedrático de Ginecologia na Universidade de Coimbra. Era filho de um militar, o meu avô era capitão de cavalaria, e o meu pai herdou aquele rigor e disciplina. Por outro lado, a minha mãe era uma mulher da família, que nos acompanhava. Era o contraponto.

AO PENSAR no tempo que me falta viver, assaltam-me as dúvidas. Dou por mim a reavaliar o meu agnosticismo

Onde estudou?

Houve uma altura em que nós, os rapazes, passámos por um colégio em Abrantes, o colégio La Salle. O meu pai achou que estávamos a dar muito trabalho à minha mãe e que seria interessante que estudássemos uns anos num colégio de internato. Para mim não foi uma experiência simpática, porque sempre fui um rebelde em relação à educação religiosa. Foram anos um pouco traumáticos. Mas que também não deixaram grandes sequelas.

Esse lado mais traumático teve, sobretudo, a ver com a religião?

Sempre tive um feitio quase anarquista. Tinha dificuldade em acatar muita disciplina e aquele ambiente um pouco militarista das camaratas, dos horários, das formaturas, foi uma coisa que detestei. E sempre me questionei acerca das provas da existência de Deus. Tinha grandes discussões com os frades acerca disso.

Continua com dúvidas ou já as sanou?

Quando pensamos na proximidade da morte, há certas questões que se voltam a levantar. Há um longo período da vida em que a questão religiosa nem se coloca. Mas quando começamos a pensar no tempo que nos falta viver, começam-nos a assaltar as dúvidas, principalmente à noite...

Está nessa fase?

Sim. Dou por mim a fazer uma reavaliação do meu agnosticismo. Acho que temos necessidade de acreditar que o nosso trajecto aqui na terra não é simplesmente um acaso. São essas as dúvidas que tenho.

O seu pai era politicamente activo?

O meu pai era fundamentalmente um homem da ciência, que não ligava nada à política. E transmitiu-me esse desinteresse.

A MINHA paixão era a Brigitte Bardot, que achava sensual. As mulheres bonitas sempre me atraíram

Que se mantém?

Nunca tive nenhuma filiação partidária. Claro que, como toda a gente, tenho os meus ideais, mas não dependem de ligações políticas. Devo dizer que, no 25 de Abril, me desinteressei da política porque a minha família, como tantas outras, foi injustamente perseguida. Mas hoje em dia acho que estou ainda mais desencantado. Vivi a revolução e, com muita tristeza, vejo que muitos dos revolucionários da época estão hoje vendidos ao poder e ao vil metal. Isso é triste e acho que é a razão para as pessoas estarem cada vez mais divorciadas da política.

Durante a adolescência, como era a relação com a figura feminina?

Era um fascinado. A minha paixão era a Brigitte Bardot que achava extraordinariamente sensual e lindíssima. E também havia a Sophia Loren, foi uma geração de actrizes famosas e lindíssimas.

E tinha muitas namoradas?

Era tímido, mas as mulheres bonitas sempre me atraíram... Tive várias namoradas, todas muito bonitas. Isso tem a ver com o tal fascínio pela beleza.

Durante anos pensou seguir Direito, apesar da tradição do seu pai na Medicina. O que o fez mudar?

Até à véspera das matrículas estava para ir para a Faculdade de Direito. O meu pai toda a vida me tinha dito que não devia ir para Medicina, que era um curso árduo e uma vida complicada. Apesar de tudo, quando decidi mudar para Medicina, deu-me a maior força.

Era bom aluno?

No liceu fui razoável. Mas entrei na faculdade em 1970, apanhei a efervescência do movimento estudantil... Atravessei essa fase com uma certa leveza de ser... ao jeito do Kundera. Foi a altura de grandes emoções e descobertas. Comecei a estudar pouco e a divertir-me muito... Foi uma fase muito romântica.

Como o tratavam na faculdade?

Era o Chico ou 'o filho do professor'. Tinha facilidades que só hoje percebo. A dada altura, não percebia se as notas que tinha, tinham a ver com o meu saber ou com a amizade que os professores tinham pelo meu pai, que era um professor que impunha um certo temor reverencial. Sentia facilidades a todos os níveis. Até no parque dos professores eu podia estacionar o meu carro! Era um privilegiado.

Com o 25 de Abril os seus pais aperceberam-se de imediato que a revolução teria repercussões para uma família como a vossa?

Nas cidades pequenas, como Coimbra, as perseguições políticas foram mais radicais. Famílias que eram amigas acabaram por se tornar inimigas. A nossa casa passou a ser vigiada, todas as noites. E algumas dessas pessoas tinham sido nossas amigas. Era difícil aceitar isso. O meu pai, por inerência dos cargos que tinha – estava na direcção da Faculdade de Medicina e do Instituto de Oncologia de Coimbra – foi saneado de todos esses lugares e perseguido politicamente. A páginas tantas teve um convite para dar aulas no Brasil e foi a minha mãe que deu a maior força à família para começar uma nova vida. O meu pai reiniciou uma vida profissional no Brasil aos 60 anos.

A família parte para o Brasil, mas o Francisco fica para terminar o curso.

Terminei o curso e ainda fiquei no estágio hospitalar. Depois, como pensava especializar-me em Ginecologia, não fazia sentido continuar em Portugal, quando tinha o melhor professor no Brasil. Fui ter com a família ao Rio de Janeiro, mas descobri que detestava a especialidade de Ginecologia! De tal forma me desencantei que estava com vontade de abandonar a medicina! Foi a minha mãe, com a sua capacidade de improvisar, que me desafiou a visitar a clínica de cirurgia plástica do Ivo Pitanguy, que nessa altura vivia um grande *boom*. O Rio era a Meca mundial da cirurgia plástica. Foi graças à minha mãe que hoje sou cirurgião.

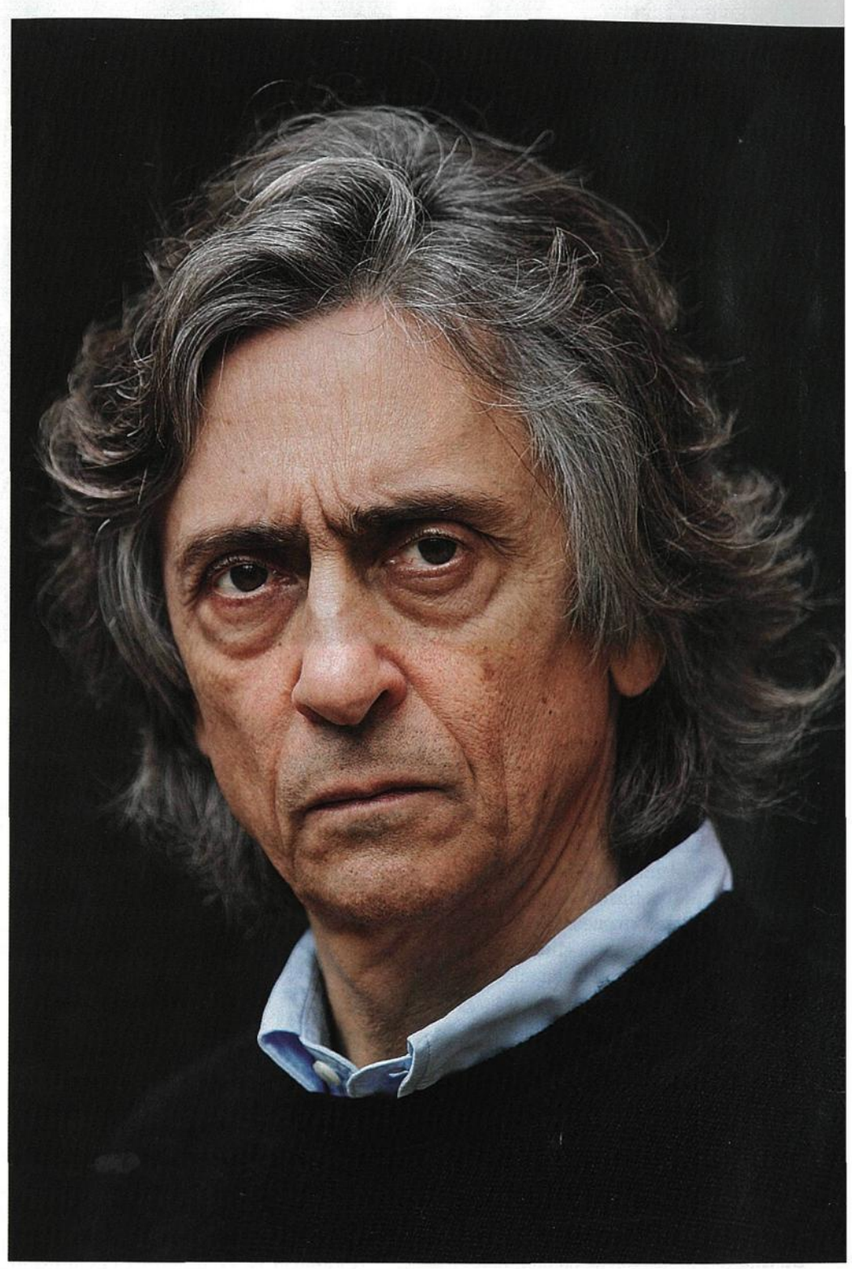
NA FACULDADE era 'o filho do professor'. Era um privilegiado e até estacionava no parque dos professores

Por que não ficou a trabalhar com Ivo Pitanguy?

O concurso para a residência já tinha acabado. Fiquei muito triste, mas mais uma vez a minha mãe procurou uma solução. Passados dois dias tinha uma visita marcada a uma clínica em Niterói, a Fulminense, que era de um grupo de cirurgiões da escola Pitanguy e que tinha o maior centro de queimados do Brasil. Fiz o concurso e entrei. A base da minha formação em cirurgia plástica foi a cirurgia de queimados. Tinha 26 anos e foi uma experiência muito dura.

Como é que, de repente, lidou com o facto de ser 'só mais um'?

No Brasil é que cortei o cordão umbilical com o meu pai e decidi saber quem era realmente e aquilo de que era capaz. Para →



Bilhete de Identidade

Feliz esteta

PENSOU ser arquitecto, depois advogado, acabou médico. O pai, professor de Ginecologia na Universidade de Coimbra, sempre lhe disse que era uma vida árdua, mas a rebeldia de Francisco Ibérico Nogueira – a mesma que o levava a fugir do Colégio La Salle em Abrantes – trocou as voltas à família: no dia das inscrições escolheu Medicina. O resto foi responsabilidade da mãe que, anos mais tarde, mediante um filho desiludido com o rumo escolhido, o levou à clínica de Ivo Pitanguy, uma das maiores personalidades da cirurgia plástica mundial. Foi na Meca da cirurgia plástica que descobriu a especialidade. Começou por trabalhar com queimados mas aprofundou conhecimentos na cirurgia estética, sobretudo mamária e de rejuvenescimento. Ao diploma de Medicina e Cirurgia da Faculdade de Medicina de Coimbra juntou a especialização em Cirurgia Plástica e Reconstrutiva pela Associação Médica Brasileira – muito contestado por alguns médicos portugueses que não lhe reconhecem legitimidade. Nascido a 2 de Maio de 1951, em Coimbra, o terceiro de sete irmãos, Francisco Ibérico Nogueira viveu o auge das revoluções estudantis. Anos em que que estudou pouco, mas divertiu-se muito. Com o 25 de Abril a família, perseguida, viu-se obrigada a fugir para o Brasil. No regresso, em 1982, o médico redescobre um amor e casa em 1983 com a mulher, Margarida, mais nova 13 anos, a quem, em tempos, havia dito 'vou casar-me contigo'. Tiveram três filhos: Madalena, Francisco e Salvador, hoje com 24, 19 e 16 anos. Em casa adora fazer *bricolage* e a fotografia é a grande paixão. Tem um quê de inventor e quer patentear alguns utensílios cirúrgicos que criou. É um homem discreto e afável. Diz que a melhor operação estética é aquela que não se nota. Ele já soma mais de cinco mil.

um paciente, levar avante um processo contra um médico...

Tradicionalmente tem havido em Portugal uma certa defesa entre os pares, mas acho que, no futuro, haverá uma maior responsabilização do *staff* médico. A Ordem está a intervir cada vez mais no sector. Tem havido penalizações e avaliações de ordem ética, mas muitas vezes não se tornam públicas. Quando existem queixas, a Ordem dos Médicos actua. Felizmente, os dirigentes do colégio da especialidade e da Sociedade Portuguesa de Cirurgia Plástica cada vez estão mais interessados em informar a população e devolver a cirurgia estética aos cirurgiões plásticos portugueses. Durante anos houve um vazio que foi sendo preenchido por cirurgiões estrangeiros, pessoas que, por exemplo, aproveitavam uns dias de *ski* na Suíça e faziam escala em Portugal para meia dúzia de cirurgias. Não tenho nada a opor aos cirurgiões estrangeiros que venham cá operar, desde que não seja para safaris cirúrgicos. Ficam dois ou três dias e depois são os portugueses que têm de resolver eventuais complicações.

Ainda assim, é sempre difícil perceber como se pode morrer numa lipoaspiração, como já aconteceu em Portugal...

Não existe o mínimo motivo para haver uma morte numa lipoaspiração! Muitas vezes discuto isto nos congressos: até que ponto é que se admite fazer mega lipoaspirações, aspirar seis ou dez litros de gordura? Acho isso um crime. Posso ser contestado por colegas, mas jamais aspiro mais de 1.500 a 2.000 mm de tecido adiposo, porque isto permite que o paciente esteja a fazer a sua vida normal passado dois dias. A lipoaspiração não deve servir para emagrecer, mas para eliminar bolsas residuais de tecido adiposo após o paciente ter emagrecido. Agora, quando se tenta emagrecer as pessoas através de lipoaspirações, os problemas têm de surgir. E ainda mais quando temos médicos que, de repente, resolvem dedicar-se à cirurgia estética e começam a fazer este tipo de procedimentos, com cursos de três dias no sul de Espanha. Um médico que faz um curso destes nem sabe as complicações que podem advir da perfuração da parede abdominal com uma cânula de aspiração, quanto mais

A SOLUÇÃO para os dependentes da cirurgia estética não está no cirurgião mas no psiquiatra

tratá-las. Compram um *kit* de cânulas e um aspirador e começam a fazer lipoaspirações.

Tem havido uma banalização de determinados procedimentos. Inclusive já se realizam em salões de estética e cabeleireiros...

Isso é um caso de polícia, completamente ilegal. Têm de ser as autoridades a controlar e acho que tem havido brandura. Há um *boom*, em todo o mundo, na procura da juventude e da beleza. E isto é condicionado pelos *media* que transmitem um ideal de beleza muito estereotipado. Inconscientemente as pessoas são empurradas para imitar esses ideais. A melhoria da qualidade de vida leva a que haja uma verdadeira explosão na procura desses tratamentos. Por um lado, faz-se mais cirurgia, mas, por outro, estão a desencadear-se mais complicações em todo o mundo, o que descredibiliza a cirurgia estética.

No campo do rejuvenescimento, uma das suas especialidades, têm surgido inúmeras novas técnicas...

Sim, mas fico apreensivo ao ver como a medicina estética está a ser invadida por pessoas sem escrúpulos que só vêem o lado comercial e tentam convencer que existem técnicas miraculosas – como a introdução de um fio de ouro que é ineficaz e já removi de dezenas de pacientes pois ficam visíveis à flor da pele – para fazer rejuvenescer 20 ou 30 anos. São tratamentos comerciais que se destinam apenas a esvaziar as carteiras dos pacientes. O rejuvenescimento, ou *face-lift*, é muito complicado. Temos de analisar e diagnosticar todos os sinais de envelhecimento e depois seleccionar as técnicas que permitem um rejuvenescimento harmonioso. Não há elixires da juventude. A cirurgia tem muitas limitações. Aliás, o verdadeiro rejuvenescimento poderá ter um grande aumento apenas quando a ciência permitir controlar os genes do envelhecimento.

E o Botox, é eficaz ou só uma moda?

O Botox é extremamente eficaz para corrigir rugas de expressão, mas é preciso que quem aplica saiba o que está a fazer. Não pode ser num vão de escadas, pois se não é infiltrado no músculo certo o efeito é perverso.

Por que tem aumentado tanto a procura destas técnicas de rejuvenescimento?

São múltiplos factores. A longevidade aumentou, as pessoas mantém-se mais anos no mercado de trabalho, os jovens são mais agressivos comercialmente e as pessoas pretendem ter um aspecto mais jovial para poderem competir no mercado de trabalho. Outro aspecto é a parte emocional e afectiva. As mulheres sentem necessidade de se sentirem mais bonitas e sensuais, porque existe uma grande competição para atingirem os seus objectivos de terem um parceiro. Por isto também são muito menos os homens a operarem-se, nem 10%. E isso vê-se desde tenra idade: as miúdas que têm mais sucesso na escola são as que têm os seios mais desenvolvidos. Isso leva-as muito jovens a quererem aumentar a mama, mas não tem qualquer lógica antes dos 17 ou 18 anos.

Quais os procedimentos mais procurados?

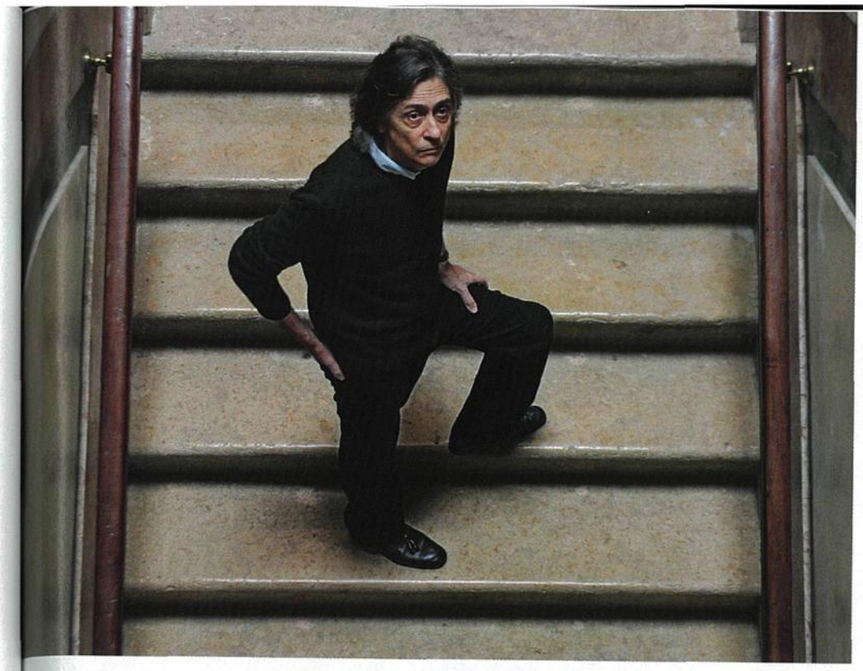
Os números de cirurgias tem crescido exponencialmente. Em todo o mundo, a mamoplastia de aumento é a mais procurada. Depois a lipoaspiração e só depois intervenções mais sofisticadas, como o rejuvenescimento facial, ou *face-lift*, as rinoplastias e outras cirurgias faciais. Os homens procuram as rinoplastias e corrigir os papos nos olhos e os pneuzinhos.

O lado financeiro da cirurgia plástica é sempre uma questão. De tal forma que, nos últimos tempos, começou a falar-se de 'viagens de férias estéticas', para Marrocos, Tunísia...

Quando tudo corre bem é óptimo porque o paciente consegue realizar uma intervenção mais acessível. O problema surge quando há complicações. Uma paciente estar a quilómetros de distância, num país onde não conhece ninguém – é passar do paraíso para o inferno. E essas pessoas regressam a Portugal com as complicações e os cirurgiões portugueses são relutantes em tratar, pois o que procuram é alguém para responsabilizar.

99% das complicações graves que têm surgido na cirurgia estética são negligência médica

A solução seria o Estado comparticipar a cirurgia estética?



Em qualquer país do mundo, se o Estado subsidiasse as intervenções estéticas, a economia ia à falência. Não há ninguém que não tenha algum problema para resolver e, se fosse gratuito, começavam a pensar em operar isto ou aquilo. Até há poucos anos só as pessoas de classe alta é que consultavam cirurgiões plásticos, mas hoje em dia a cirurgia plástica democratizou-se. Há instituições financeiras que estabelecem linhas de crédito para tratamentos, o que acho óptimo. É uma maneira de permitir que pessoas que jamais teriam acesso a estas intervenções possam resolver problemas. Agora, há situações que têm de ser ponderadas, dismorfias que possam causar distúrbios emocionais graves devem ser, e são, apoiadas pelo Estado.

Uma dessas situações é, por exemplo, a reconstrução mamária. Considera desenvolver trabalho *pro bono* neste campo, à luz do projecto de Ivo Pitanguy?

Uma boa percentagem do que fazemos é trabalho *pro bono*, em diversas formas. Há pessoas que têm dificuldades e não podem pagar, mas depois há amigos, familiares... Não sou um mercenário da cirurgia. Não tenho um programa instituído como o Pitanguy porque não tenho condições para isso, tinha de ter uma grande fortuna, mas dentro das minha limitações tento ajudar. Sobretudo em sectores como a reconstrução da mama, altamente traumáticos para a mulher. Tenho uma consulta em que atendo pessoas sem condições para se submeterem a esta intervenção. Também aconteceu no programa da *TVI*, Doutor Preciso de Ajuda.

Há uma outra espécie de trabalho *pro bono* que são os acordos com figuras mediáticas que trazem retorno publicitário em troca de cirurgias gratuitas...

Não faço esse tipo de acordos, acho uma grande falta de ética. Se decidir operar uma paciente gratuitamente opero-a, mas nunca, jamais, com o compromisso de ela se expor publicamente e publicitar a intervenção. Acho uma forma indecorosa de praticar medicina. Se a pessoa decidir, por si, publicitar é diferente.

Mas quando há vagas de figuras públicas a falarem das suas intervenções, como aconteceu este ano com inúmeros aumentos mamários, sente mais procura?

Obviamente que quando essas pessoas publicitam que fizeram isto ou aquilo atrás delas vem uma legião de seguidores que vão fazer exactamente a mesma coisa.

A MINHA mulher sempre foi linda. Até podia ser um bom *marketing* para mim, mas não fui eu que a esculpi

Ainda se vai para o cirurgião com o recorte da revista a pedir 'a boca da Angelina' ou 'o nariz da Nicole'?

A filosofia com que encaro a cirurgia estética não tem nada a ver com esses estereótipos. Precisamos de estudar o paciente e descobrir os seus sinais de beleza – que toda a gente tem – e o segredo é melhorar esses sinais de beleza. Nunca despersonalizar ou alterar a expressão, mas sim melhorar o que já existe. Sou contra intervenções radicais que descaracterizam as pessoas e as deixam todas iguais umas às outras. Os traços fisionómicos e étnicos devem ser preservados, assim como a expressão e a beleza. Tentar construir um *cyborg* é disparatado.

Disse que via cada paciente como um familiar e já operou alguns. Incluindo a sua mulher, que se comenta ser a sua musa?

Como todas as mulheres, a Margarida preocupa-se com uma ruga, com isto e aquilo. Dizer que operei a minha mulher toda é completamente falso! A minha mulher sempre foi muito linda, a genética ajuda-a. Até podia ser um bom *marketing*, mas não fui eu que esculpi a minha mulher. Mas é, sem dúvida, uma das minhas referências de beleza. Nunca lhe fiz nenhuma cirurgia agressiva, apenas algumas infiltrações e coisas do género.

E algum dos seus filhos filhos lhe fez um pedido de tratamento estético?

Não. A Madalena já tem 24 anos, o Francisco tem 19 e o Salvador tem 16. De repente tornaram-se adultos e eu gostaria que ainda fossem pequeninos. Os anos têm passado a uma velocidade vertiginosa! Às vezes tenho inveja da minha mulher por não ter tido o tempo todo para eles que ela teve. É o preço que se paga por uma actividade muito absorvente. Passo muitas horas no consultório, entre quatro paredes, com ar condicionado e luz artificial e com a vida a passar lá fora. Sem me dar conta disso, estou a ficar velho, sem ver os filhos a crescer. É pena não ter tempo para me entreter com tudo o que gosto, como a bricolage, os desportos náuticos, a fotografia... E gosto de me dedicar a pequenos inventos.

Quando olha para trás, nunca pensa que podia ter feito outras opções, que podia ter continuado no Brasil, na Unidade de Queimados e dedicar-se, mais do que à cirurgia estética, à reconstrutiva?

Sou uma pessoa algo sensível e com muitos anos numa unidade daquelas não sei se não me teria deprimido muito. Um aspecto que me atrai nesta vertente da cirurgia plástica é o facto de não estar permanentemente em contacto com a morte e com a doença. São opções que têm a ver com alguma fragilidade emocional. Tenho a maior admiração pelos médicos da chamada medicina pesada, mas não tinha perfil. Este é o ramo feliz da medicina. As pessoas não estão a partir para a morte, estão a renascer.

raquel.carrilho@sol.pt